

SEÇÃO DE LIVROS

Fui Escravo dos Soviéticos

JOHN H. NOBLE

Condensação de "Slave 1E-241"*

EM JANEIRO de 1955 John Noble saltou de um avião no Aeroporto de Idlewild, em Nova York, com uma história fantástica. Estivera prêso na Rússia sem qualquer explicação durante nove anos e meio, sendo quatro como trabalhador escravo no famoso campo de Vorkuta, no Ártico.

Tais fatos fizeram sensação nos jornais. O mais espantoso da história, porém, era que John Noble fôra testemunha visual da rebelião de 100.000 escravos de Vorkuta. Que êsse movimento tenha terminado em impiedoso morticínio não é de admirar; o que admira é que tenha acontecido e que possa ocorrer novamente.

O relato do Sr. Noble é um documento inolvidável de coragem e firmeza em face da brutalidade comunista.

* "Slave 1E-241", copyright, 1955, de Fawcett Publications, Inc., editado por The Devin-Adair Co., New York 10, N.Y., E.U.A.

FUI ESCRAVO DOS SOVIÉTICOS

EU ESTAVA parado num desvio ferroviário em Vorkuta, o mais temido campo de trabalhadores escravos da Rússia. Cercado de soldados da MVD armados de metralhadoras, um oficial me interrogava.

—Nacionalidade?

—*Amerikanetz*—respondi, com uma das poucas palavras russas que eu sabia.

O efeito foi eletrizante. Guardas entediados, que estendiam o olhar pela tundra, arregalaram os olhos para mim, incrédulos. Um dêles ergueu as mãos, como a dizer: “Quem pode lá explicar as coisas que acontecem?”

Com as vestes em farrapos e a cabeça raspada, eu estava a 11.000 quilômetros de Detroit, minha cidade natal. Fôra condenado a 15 anos de trabalhos forçados e acabava de chegar a Vorkuta, depois de viajar seis semanas pela Rússia, mas não em viagem arranjada pelo Intourist Bureau. Ali, circunvagando o olhar, eu não via senão a tundra estéril, o musgo e a erva aqui e ali cobertos de neve. Era o dia 16 de setembro de 1950. Nos quatro anos que iriam seguir eu haveria de aprender o que os russos querem dizer quando chamam a êsse lugar sinistro “a terra da morte branca”.

Situada no extremo setentrional

da Rússia européia, 200 quilômetros abaixo do Oceano Ártico, Vorkuta é um dos lugares mais frios e mais agrestes da terra. A neve cobre o solo dez meses por ano, e a temperatura pode descer até 68 graus abaixo de zero. Em janeiro e parte de fevereiro o sol jamais se eleva acima do horizonte. Ali, naquele purgatório, 400.000 trabalhadores escravos produzem pelo menos uma duodécima parte do total da produção de carvão dos vermelhos.

Mineiro escravo 1E-241, trabalhando em galerias com água gelada a filtrar-se na minha roupa de algodão, eu levei uma vida humilhante e desesperada—exceto em duas gloriosas semanas no verão de 1953, durante as quais 100.000 escravos, inclusive eu, largaram as suas ferramentas e expulsaram do campo os guardas da MVD. Revoltamo-nos em uma greve tremenda, que deixou os vermelhos mudos de espanto e Moscou paralizada—até que o Kremlin finalmente a esmagou. O levante foi um dos mais significativos acontecimentos da história política moderna. E, se bem que isso não se deva a qualquer mérito meu em particular, eu sou um dos poucos antigos escravos que têm a fortuna de estar vivos e em liberdade para contar o que se passou.

TRAVEI conhecimento com os russos em maio de 1945, no que é hoje a Alemanha Oriental. Pouco antes da guerra meu pai fôra para a Europa submeter-se a tratamento de saúde, levando consigo minha mãe, eu e meu irmão. Morávamos em Dresden quando os Estados Unidos entraram na guerra. Fomos imediatamente internados pelos alemães.

Após a rendição dos nazistas, Dresden foi ocupada pelos russos. No dia em que terminou a guerra na Europa, içamos uma bandeira norte-americana improvisada, que nos anunciava por todo o setor. Daí a pouco soldados americanos exaustos, ex-prisioneiros libertados pelos russos, começaram a aparecer lá em casa para repousar antes de regressarem às fileiras.

A 76.^a Divisão Americana ocupara uma área a 56 quilômetros de Dresden, e pouco depois as suas viaturas começaram a aparecer em nossa casa duas vezes por dia para conduzir os soldados. Isso parecia aborrecer os russos, mas nós nos sentíamos garantidos com o Exército Norte-Americano à nossa porta. Fôsse como fôsse, devíamos regressar aos Estados Unidos em começos de 1946, quando se poderiam obter passagens para civis nos navios.

Mas havíamos subestimado o aborrecimento dos russos.

No dia 5 de julho um capitão da MVD acompanhado de cinco soldados, apareceu lá em casa. Avançando para mim, bradou:

—Está prêso!

—Capitão, eu não estou sujeito às leis russas—protestei, exibindo-lhe o meu passaporte norte-americano.

—É apenas uma questão de rotina, Sr. Noble—respondeu-me o capitão.—Precisamos examinar melhor os seus documentos.

Antes que eu pudesse dizer mais, dois guardas da MVD me empurravam porta afora e para dentro de um jipe soviético. No quartel o oficial de serviço examinou o meu passaporte, enquanto eu repetia o meu protesto:

—Isto é contra o direito internacional.

—Os nossos superiores sabem o que estão fazendo—disse o oficial.—Em três dias você será pôsto em liberdade.

Três dias? Passaram-se 70 antes que eu deixasse a apertada cela de pedra da prisão de Dresden onde estive prêso incomunicável. Quase 14 meses se passaram sem eu ser ao menos interrogado. Cinco anos decorreram antes de eu ser condenado por um tribunal que não apresentava acusação alguma e não ouvia depoimentos. E passaram-se *nove e meio intermináveis anos* antes que eu pudesse respirar de novo como homem livre.

O MEU interrogatório forneceu-me o primeiro indício do motivo pelo qual os russos me detinham.

—Sou um cidadão norte-americano—disse eu ao oficial da MVD.—Há 14 meses que estou prêso sem

ser acusado. Exijo que se notifiquem as autoridades norte-americanas da Alemanha Ocidental.

O oficial encarou-me com um ar de enfado e começou a fazer perguntas.

—Onde nasceu? Por que içou uma bandeira americana no setor soviético? Que faziam os oficiais americanos na sua casa?

Quando êle acabou, eu perguntei:

—Quando vou ser pôsto em liberdade?

O inquiridor limitou-se a mandar-me sair, com um gesto.

Percebi então que os russos imaginavam que a minha casa em Dresden fôsse um centro de espionagem norte-americana. Mas devido à amizade russo-americana de tempo de guerra, êles estavam com receio de me acusar de espionagem. Depois vim a saber que o Govêrno Norte-Americano soubera da minha prisão por intermédio de meu irmão e minha mãe, que tinham voltado para Detroit, e que de 1945 a 1950 o Departamento de Estado procedera a indagações regulares das autoridades soviéticas na Alemanha. Mas estas se recusaram a tomar conhecimento do caso.

A verdade é que eu passei aquêles anos em antigos campos de concentração alemães, inclusive Buchenwald, o famoso campo nazista que passara a ser usado pelos vermelhos. As condições de vida eram brutais. Setenta detentos, ou mais, morriam diàriamente de fome ou doença. Nem sei como sobrevivi.

O que eu mais temia era ser mandado para a Rússia.

—De tempos em tempos—disse-me um amigo—os mais sadios são mandados como escravos para a Rússia. Enquanto estiver na Alemanha Oriental você ainda terá probabilidades de viver.

Durante algum tempo, enquanto os prisioneiros mais robustos iam sendo selecionados e embarcados, parecia-me que o meu passaporte me salvaria. Até que, no dia 8 de agosto de 1950, na prisão de Weimar para onde eu fôra transferido, fui chamado a uma sala sombria. Junto a uma mesa comprida estava sentado um russo em trajes civis.

Uma môça que servia de intérprete entregou-me um papel.

—Aqui se declara que houve um julgamento em Moscou—disse ela—e que você foi condenado a 15 anos de trabalhos forçados.

O choque tonteou-me por um instante.

—De que me acusam? Que crime cometi?

—A sua sentença foi confirmada em Moscou—respondeu a môça.—Se você quer fazer perguntas, faça-as no campo de prisioneiros para onde vai.

Nove dias depois eu estava num trem de prisioneiros, que rodava superlotado para leste, a caminho de Vorkuta.

O ESTABELECIMENTO de Vorkuta consiste em mais de 1.500 quilômetros quadrados de campos e minas,

todos cercados de arame farpado. O meu destino era o Campo 3, onde 4.500 homens trabalhavam em três das 40 galerias de minas de carvão.

O alojamento que me coube era uma construção retangular erguida pouco acima da tundra. No chão gelado fincaram estacas que eram ligadas com tábuas por dentro e por fora. O espaço intermediário era cheio de cinza para isolamento do frio, e as paredes revestidas de lama e palha. Mais tarde, a neve seria amontoadada junto à construção, tal como num iglu, a fim de aumentar a proteção contra o frio.

A minha cama era um pedaço de madeira de meio metro de largura, numa prateleira que corria ao comprimento do salão. Não havia colchão, nem travesseiro, nem cobertor. Quando o prisioneiro ao meu lado, um corpulento camponês russo, se deitava no seu espaço, os nossos ombros se tocavam. Posteriormente, quando chegaram novos presos, eu tinha apenas espaço para dormir de lado, colado ao corpo do meu vizinho. Mesmo assim eu tive sorte: outros dormiam no chão, igualmente superlotado.

Poucos dias depois de chegar procurei conhecer o sistema de segurança. Nós éramos uma carga preciosa. O Campo 3 era envolvido por uma cerca de arame farpado de três metros e meio de altura, pontilhada de tôrres altas guarnecidas por homens armados de metralhadoras. Por dentro havia uma cerca mais baixa, de pouco menos de um metro de al-

tura. A área intermédia era zona proibida, iluminada à noite e nos dias escuros por poderosas lâmpadas de arco voltaico. Os guardas da MVD tinham ordens para atirar em quem fôsse avistado nessa zona. Cães policiais famintos circundavam o campo, presos por uma corrente que corria próximo da cerca externa.

Oficialmente o nosso campo era dirigido pela MVD. Mas extra-oficialmente Vorkuta tinha outro senhor—os *blatnoi*, um bando de criminosos empedernidos, na sua maioria procedentes da região de Moscou. Havia uns oito dêles no meu alojamento, ocupando uma prateleira que normalmente comportaria mais de vinte prisioneiros. Êles passavam o tempo dormindo, furtando tudo de que gostavam, afiando as suas facas ou matando. Pelo menos uma vez por semana uma das suas vítimas era assassinada enquanto dormia no alojamento, ou era encontrada de bôrco na neve.

Os guardas da MVD e os *blatnoi* tinham um acôrdo tácito. Em recompensa por manterem os prisioneiros políticos intimidados, os criminosos faziam o que queriam em Vorkuta. Nenhum guarda da MVD ousaria pedir a um *blatnoi* que trabalhasse.

Êsses homens eram frios criminosos profissionais, a maior parte dêles rapazes dos seus vinte e poucos anos, cumprindo penas por homicídio e roubo. Começaram a vida como *bezprisorni*, as crianças vagabundas que percorrem a Rússia em

bandos, roubando por onde passam. Foram criados sob o regime comunista, mas não se interessavam absolutamente pela política. O *starshi*, ou chefe, um rapaz de 23 anos, troncudo e de olhar glacial, controlava os seus comandados com férrea disciplina.

Comecei a trabalhar produzindo carvão para os vermelhos no dia em que cheguei. Aquêlê primeiro inverno foi o pior que em dez anos sofrera a região. Feita a refeição matinal, entrávamos em fila, num frio torturante, pulando de um pé para outro, enquanto os guardas faziam a chamada. O meu trabalho ficava a dois quilômetros e meio do acampamento. Cinquenta homens, acompanhados de dez guardas e dois cães policiais, fazíamos o trajeto tôdas as manhãs através de um corredor de 12 metros de largura que ligava a mina ao acampamento.

Em novembro levávamos mais de uma hora para chegar à mina, caminhando penosamente através da neve espessa. Tôda semana o termômetro baixava mais três graus. Ao fim de pouco tempo a caminhada até ao trabalho transformara-se numa expedição polar—minúsculas expedições árticas de guardas, cães e escravos enfrentando nevascas que cegavam, soprando não se sabia de onde.

A MINHA tarefa na mina era empurrar um carrinho de duas toneladas cheio de ardósia. O meu companheiro de trabalho, um letão, ins-

truiu-me por meio de sinais o trabalho a fazer. A ardósia era trazida pelo elevador da mina e despejada numa carrêta de metal. Nós dois tínhamos de empurrar a carrêta uns 150 metros, depois incliná-la e despejar a ardósia noutra carrêta abaixo da nossa plataforma. Fazíamos isso 70 vêzes por dia

Nos 14 meses seguintes eu fui uma locomotiva humana. Empurrava o vagonete com o ombro ao ponto de ficar com êle quase permanentemente arroxeadado. Incliná-lo exigia um esforço quase sôbrehumano. A primeira vez que o inclinei tive a impressão de que ia partir a espinha.

De acôrdo com o regulamento nós não trabalharíamos com temperaturas inferiores a 40 graus abaixo de zero, mas na realidade eu trabalhei numa temperatura inferior a 50 graus abaixo de zero, com a cabeça enterrada nos ombros, num mísero esforço para afugentar o frio. Um dia a graxa do eixo do meu carro solidificou-se, de tão gelada, mas nem assim o trabalho foi interrompido.

Eu não tinha luvas, mas consegui furtar uns trapos sujos de óleo da oficina do mecânico e nêles envolvia as mãos. Meus pés eram também envoltos em trapos, que de fato agasalhavam mais do que meias. Mas não havia nada que evitasse o frio. Após uma hora de trabalho eu ficava tão exausto e entorpecido que chorava como criança.

Davam-nos duas refeições por dia. Tôdas as manhãs eu recebia um pe-

daço de pão prêto viscoso, que talvez correspondesse em tamanho a um têrço de um pão de fôrma comum. Era essa a nossa ração básica diária. O desjejum consistia em duas conchas de *kasha* (farelo) e uma tijela pequena de sopa aguada. O jantar, 12 horas mais tarde, compreendia os mesmos *kasha* e sopa, além de um pouquinho de óleo de semente de girasol para deitar sôbre o *kasha*, um pedacinho de peixe ou carne de rena curtida, e um pãozinho.

O total de minha alimentação diária era de 1.400 calorias (assim me disse um médico russo), cêrca da metade das calorias de que necessita um operário. Eu vivia permanentemente esfaimado, o estômago a contrair-se, pedindo mais comida. Essa é uma sensação com a qual a gente jamais se acostuma.

Durante aquêle inverno de 1950-1951 eu tinha energia apenas para voltar tôdas as noites para o acampamento. Depois da ceia no *stolovaya*, o nosso refeitório, eu largava-me na prateleira dura, sem tirar as roupas de trabalho imundas e empapadas de neve. Em pouco tempo o meu pêso se reduziu para 43, de 70 quilos, e minha pele fazia pregas sôbre os ossos.

A maioria dos outros prisioneiros tinha o aspecto mais lastimável ainda. Noventa por cento de nós sofríamos de pressão arterial alta ou do coração, que são as pragas da região polar. Meus pulsos e tornozelos inchavam freqüentemente.

Nossos dentes se estragavam por

falta de vitaminas. Não havia tratamento dentário—só extrações. Quase todos os detentos haviam perdido a metade dos dentes. Eu perdi alguns, e os que me restam estão sem brilho, cariados e abalados.

Havia um lado salvador. O mesmo frio que nos torturava era uma defesa milagrosa. O frio em Vorkuta era excessivamente intenso para que a maioria das bactérias pudesse viver. Não fôra isso, uma série de epidemias nos destruiria a todos no espaço de um ano. Só a tuberculose, provàvelmente agravada pelo pó de carvão, era freqüente.

Ninguém nos vigiava enquanto trabalhávamos, mas tínhamos a nossa "norma" comunista, mais diabólica do que qualquer senhor de escravos do tempo antigo. A minha "norma" era transportar tôda a ardósia que trazia o elevador da mina. Outros tinham tarefas mais específicas—tantos metros de escoras para as galerias, tantas toneladas de carvão a serem cavadas. Os que não cumpriam as suas normas eram submetidos a rações de castigo, de menos da metade da dieta normal. Isso os tornava mais débeis ainda e menos capazes de cumprirem as normas. Era um círculo vicioso.

Na verdade só havia um meio de derrotar os comunistas, e muitos prisioneiros o tentavam. Era estropiar-se o indivíduo de tal modo, que só pudesse ser varredor de chão ou *sushilchik*, o homem que cuidava da sala de secagem e do fogão do alojamento.

Uma noite eu estava dormindo na minha prateleira, quando um grito me despertou. Um prisioneiro asiático, um calmuco de ar feroz, estava em pé no centro do salão, com uma machadinha na mão esquerda. Todos os olhares se voltavam para êle. Colocando a mão direita sôbre um tamborete, êle gritou:

—*Rusškiye cherti!* (Demônios russos!) De mim vocês não terão mais trabalho!

Ao soarem estas palavras, a machadinha desceu violentamente e atingiu a mão pouco acima das articulações, decepando os quatro dedos desde a base. Com os olhos brilhantes de contentamento, o calmuco enrolou dois trapos sujos no que lhe restava da mão e arrastou-se de novo para a sua prateleira. Mais tarde êle passou dois meses na cela do campo, porém nunca mais fêz um dia de trabalho forçado para a MVD.

Outros esfregavam terra em ferimentos causados de propósito, ou pediam a amigos que lhes esmagassem os pulsos com cacetes. Alguns eram transferidos, outros apenas recebiam pesadas penas carcerárias, por "sabotagem".

Durante os seis primeiros meses, pouco mais ou menos, eu vivi dentro de mim próprio naquele mundo louco. Tinha pouco em que ocupar a mente. Era proibido jogar cartas, e não me permitiam mandar nem receber correspondência. A minha única distração era a Rádio de Moscou, trombeteando do alto-falante do alojamento numa linguagem que

eu mal compreendia. Eu procurava não pensar na data da minha libertação—1965.

Eu sabia que não agüentaria até lá.

UMA NOITE, deitado em minha prateleira, após um exaustivo dia de trabalho, eu refletia em meus sofrimentos em Vorkuta. Eu sobrevivera a cinco anos de prisão na Alemanha Oriental, no entanto menos de um ano em Vorkuta quase me consumira. "Essa idéia de isolamento não serve", disse eu comigo. "Sem amigos, a gente aqui não agüenta o rojão."

Aprender russo foi o meu primeiro projeto de sobrevivência. O meu professor era um ex-estudante da Universidade de Moscou, e em breve eu fazia excelente progresso. Vencido o obstáculo do idioma, comecei a arranjar amigos. Com três homens, principalmente, fiz amizade íntima, e graças a êles a vida ficou um pouco mais suportável. Êles compartilhavam comigo as escassas remessas de alimentos que recebiam de casa. Quando fui para o hospital do campo, êles me levavam pão economizado das suas rações, e fizeram-me outros favores pelos quais lhes serei sempre agradecido.

Aos poucos vim a conhecer outros prisioneiros. Vorkuta era uma verdadeira Liga das Nações, assim uma espécie de *Registro de Pessoas Famosas* do mundo comunista. Havia escravos que tinham sido vice-ministros da Alemanha Oriental e outros países satélites. Tínhamos um colega de Trotsky que passara os

Porque... Lençóis Santista?



Porque... pela sua alvura,
maciez, maior tamanho e
menor custo, são os preferidos
em todos os lares do Brasil
e serão motivo de orgulho
das futuras donas de casa.

ao comprar, insista:
eu quero

Lençóis
SANTISTA

PRATA: SOLTEIRO: 1,60 x 2,60 — Cr\$ 125,00
CASAL: 2,20 x 2,60 — Cr\$ 172,00
OURO: SOLTEIRO: 1,60 x 2,50 — Cr\$ 143,00
CASAL: 2,20 x 2,60 — Cr\$ 197,00

* a marca de garantia está na orela
e a qualidade em todo o lençol.

últimos 19 anos em campos de escravos. Gureyvich, ex-diplomata soviético, morava algumas barracas distante da minha.

Mas nem todos em Vorkuta eram ex-comunistas. Tínhamos poloneses que haviam servido com os aliados durante a Segunda Guerra Mundial, e centenas de habitantes da região do Báltico, cujas nações haviam sido tragadas em 1940. Havia escravos do Iraque, do Irã, da França, da Itália, da Mongólia, da China e da Tchecoslováquia.

Alguns dos meus companheiros de prisão eram clérigos—padres católicos da Lituânia, ministros protestantes da Letônia e da Alemanha, padres russos ortodoxos. A religião era um crime grave em Vorkuta, mas apesar de toda a fiscalização ela florescia. Algumas seitas oficiavam, tendo até altares numa galeria abandonada da mina. Nos domingos de folga eu às vezes assistia aos serviços protestantes oficiados por um ministro letão e realizados cada vez num alojamento diferente. Era perigoso, mas só quando apareciam dois guardas ou mais; estando sós, os guardas fingiam que nada viam e se afastavam.

À medida que aumentava o meu conhecimento do campo e dos meus companheiros de prisão, a vida se tornava um pouco menos soturna. Foi quando, em junho de 1951, chegou de Moscou uma comissão de minas para estudar a produção de carvão. O resultado foi o aviso de que os prisioneiros mais fortes iam

trabalhar dentro das minas, no subsolo. E, para meu assombro, entre êsses estava eu.

Conquanto estivesse enfraquecido pelo trabalho no frio, eu já passara também um dia medonho no subsolo, vendo os escravos extraírem carvão da mina qual animais. Procurei imediatamente o chefe do departamento de transportes, um jovem civil comunista com quem eu travara conhecimento:

—Vão me mandar para baixo—expliquei.—Seria possível trabalhar também em transportes lá em baixo nas minas? Talvez seja melhor do que cavar o carvão.

Eu mesmo nunca saberei por que, mas atenderam ao meu pedido. A partir de então, a minha tarefa consistiria em guiar os trens de carvão através das estreitas galerias da mina.

A Mina 16 era uma excavação primitiva, onde quase não existia equipamento moderno e não se tinha qualquer noção de segurança. Quase tôda semana havia desabamentos. O teto das galerias ruía com freqüência por estarem as escoras demasiado espaçadas. Mas isso era indiferente para os escravos que colocavam as escoras. Maior espaço entre as escoras significava menos trabalho e, visto que êles assim cobriam maior distância, melhor "norma".

Quando eu me apresentei para trabalhar, disse-me o capataz:

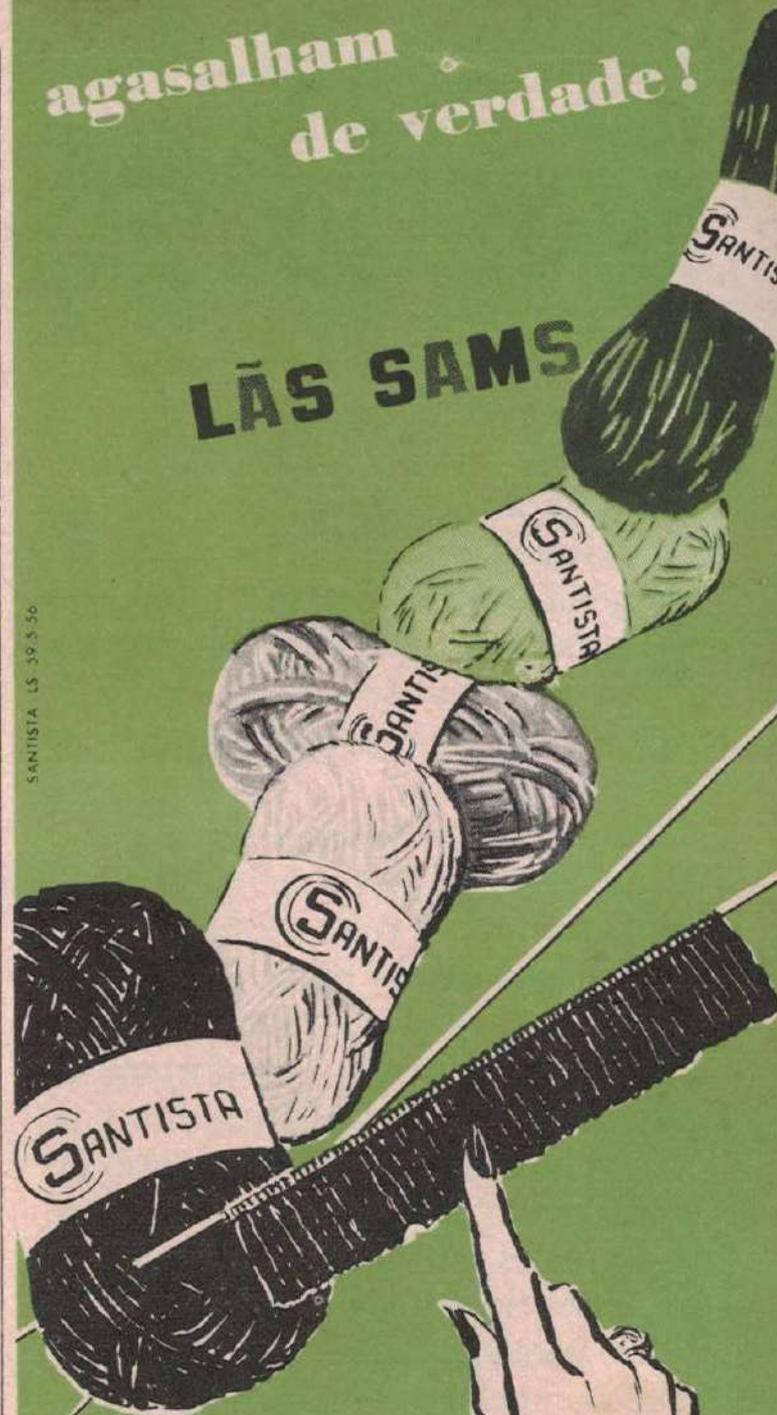
—Nós aqui não temos agulhas automáticas. Você terá de viajar à frente e virar você mesmo as chaves.

Pelo modo como êle falou, a coisa

agasalham
de verdade!

LÃS SAMS

SANTISTA LS 39 5 50



macias como plumas,
há mais de 25 anos
agasalham as famílias
do Brasil.

SANTISTA

a mais querida de tôdas as lãs!

era simples. Na realidade, eu tinha de compensar com audácia e habilidade a falta de equipamento dos russos. Viajava trepado no pára-choque, à frente de uma longa fileira de vagonetes, a lanterna em meu capacete iluminando os trilhos escuros. As chaves eram colocadas a êsmo, em tôda a rêde de trilhos. Quando eu avistava desvio aberto a tempo, em geral a um ou dois metros à frente, saltava do pára-choque, virava a chave e corria para junto da parede para que o trem não passasse por cima de mim.

Às vezes não conseguia virar a chave em tempo. A primeira vez que isso aconteceu, coleime em desespero à parede da mina e esperei o desastre. Quando o trem atingiu o desvio mal aberto, transformou-se num monte de carros e carvão. Um dos vagonetes caiu exatamente na estaca que me protegia, detendo-se a poucos centímetros do meu peito. Êsses desastres de arrepiar os cabelos passaram a ser um acontecimento regular no meu trabalho.

Um dia, depois de virar uma chave, notei que a lança que ligava os trilhos não se fechava como devia. Corri e segurei-a com a mão, até a roda dianteira entrar no desvio. Foi um movimento arriscado. Quando a roda traseira se aproximou do desvio defeituoso, tornei a firmar a lança com a mão; mas, quando retirei a mão, a luva prendeu-se e eu tirei a mão de dentro da luva precisamente quando a roda chegava à lança. Repeti essa brincadeira com

frações de segundo 60 vêzes, para todos os 30 vagões do trem. Não havia alternativa. Se eu me enganasse uma vez, o trem saltaria dos trilhos e eu morreria esmagado.

No entanto, quando pedi ao capataz que comunicasse o defeito do desvio ao chefe do departamento, êle observou:

—Trate de se arranjar sòzinho. Se eu disser a êle o que você disse, você acabará cavando carvão. Os funcionários não querem saber das suas dificuldades.

A minha versão da “roleta russa” começou a preocupar-me grandemente ao fim de algum tempo, e desejei livrar-me da mina. Em fevereiro de 1953 realizou-se o meu sonho. Um novo chefe de divisão, a quem eu falara uma ou duas vêzes, disse-me um dia:

—Você gostaria de trabalhar lá em cima, para variar? Há uma vaga no lavatório dos funcionários.

Foi a mais grata pergunta que em sete anos me fizeram.

O LAVATÓRIO era um novo mundo. Eu trabalhava 24 horas seguidas e folgava 24 horas—a minha primeira oportunidade de verdadeiro descanso, em anos. Aos poucos, a sensação de fadiga constante começou a deixar-me. Havia ainda outras vantagens. O lavatório era o lugar mais limpo e mais aquecido da mina, e os jovens administradores comunistas ali iam mudar de roupa. Na turma da noite, êles não raro iam ali apenas para se aquecerem.

A princípio esforçavam-se para que as nossas relações fôsem rígidas e formais. Mas a tentação de conversar sôbre a América era para êles irresistível, e ao cabo de alguns meses éramos bons amigos. Muitas vezes nos sentávamos no lavatório e passávamos a maior parte da noite conversando. Era uma educação universitária sôbre a vida soviética.

Como todos os russos, êles tinham ouvido falar da prosperidade no mundo exterior, mas ficavam completamente confusos com a propaganda do seu govêrno. À medida que nos íamos conhecendo melhor, êles me sondavam, cautelosos.

Sempre que eu descrevia as condições de vida na América, eu os via arregalarem os olhos como colegiais assombrados.

—Bem, vocês podem ter prosperidade—dizia um dêles, por fim—mas é apenas uma bôlha de ar, que acabará rebentando. Nós, quando tivermos prosperidade, será para sempre. Talvez leve ainda umas cinco gerações, mas então será permanente. Talvez aqui não seja tão bom, mas *budit, budit*—será, será.

Budit é um vocábulo russo de uso constante. De fato, quem ainda não se tornou descrente à espera da utopia russa procura hipnotizar-se a si mesmo. À minha pergunta: “E como será a vida na Rússia enquanto isso não acontecer?” êles davam de ombros e respondiam: “Às vezes é muito duro para certas pessoas.”

Os comunistas admitiam francamente que havia pouca liberdade na

U.R.S.S. A liberdade cuja falta êles mais sentiam era a de poder deixar um emprêgo e arranjar outro. Êles detestavam a missão que os tinham mandado desempenhar em Vorkuta e contemplavam com saudades fotografias de Moscou e das ensolaradas regiões meridionais da Rússia, publicadas nas revistas.

Com exceção de um homem, todos êles estavam longe de ser comunistas fanáticos. O Partido era para êles simplesmente um meio de fazer carreira. Poucos alimentavam qualquer ideal em relação ao comunismo.

—Dos seis milhões de membros do Partido—calculou um dêles—eu diria que só uns quinhentos mil têm algum interêsse na revolução mundial.

Com o seu estímulo intelectual e o seu confôrto material, o lavatório proporcionou-me uma existência melhor do que a de qualquer outro que eu tenha conhecido em Vorkuta. E ofereceu-me também uma oportunidade de representar um pequeno mas importante papel nos sensacionais acontecimentos que em breve teriam lugar.

EM 1952 a MVD deliberou pôr em prática um ousado plano: começaram a pagar aos escravos um pequeno salário. A fome, o moral baixo e as automutilações tinham reduzido grandemente a produção de carvão, e o Kremlin tinha esperança de que o incentivo de alguns rublos pudesse melhorar a situação.

Aquêles rublos a mais deram ao

nosso campo aspectos superficiais de civilização. Na cantina comprávamos chá, margarina, açúcar. Nos dias de descanso podíamos ir ao “restaurante” comprar rações extraordinárias de sopa de couve, *kasha* ou peixe.

Como incentivo, o plano deu resultado, porque a produção de carvão de Vorkuta aumentou 20%. Mas o programa saiu pela culatra numa maneira espetacular noutro sentido mais vital. Reduzidos à condição de animais esfaimados, nós não tínhamos coragem nem fôrças para protestar. De barriga mais cheia e com um pouquinho mais de dignidade, pela primeira vez encaramos objetivamente a nossa situação. A pouco e pouco os campos de escravos começaram a ferver de descontentamento. Estávamos saturados das nossas desumanas condições de vida e de trabalho, do frio insuportável, da perseguição dos *blatnoi*, da monotonia e, mais que tudo, da desesperança de nosso destino.

Muitos dos guardas estavam igualmente fartos. Era profunda a animosidade entre os homens do Exército Vermelho, responsáveis pela guarda da área além do arame farpado, e a MVD, que policiava e administrava o campo.

—A MVD ganha seis vêzes mais do que nós—disse-me um soldado do Exército Vermelho.—Êles têm direito a bailes, cinemas, vodca e mulheres. Nós vivemos aqui em alojamentos não muito melhores do que os de vocês. Êste inverno dez

rapazes que estavam de guarda na tundra se suicidaram.

O descontentamento dos prisioneiros visava principalmente a Stalin. Cada um de nós se considerava prêso pelo “Bigode”, ou pelo “Velho”, como em geral o chamavam. Estudávamos-lhe minuciosamente os retratos publicados no *Pravda*. Um escravo fêz êste esperançoso comentário:

—Êle não me parece muito bem disposto. Veja êsses olhos . . . como revelam velhice e fadiga.

E então eis que a 6 de março de 1953 chegou a notícia que tanto havíamos esperado: Stalin morrera.

Eu estava no meio de uma turba de trabalhadores escravos cobertos de fuligem, quando foi dada a notícia pelo alto-falante. As fisionomias se iluminaram de esperança.

—Viveu demais, o velho cão!—berrou um prisioneiro.

Outro homem pôs-se de joelhos:

—Graças a Deus, ainda há quem olhe pelos desgraçados!

A morte de Stalin fêz uma onda de frenética expectativa percorrer Vorkuta. Esperávamos uma palavra, um sinal de Malenkov, desaprovando a brutalidade escravizadora de Stalin. Não veio nunca.

Abril e maio, meses de amargura e desalento, passaram sem modificação. Vorkuta resmungava intensamente, e amiudavam-se os casos de sabotagem. Estávamos predispostos para uma desordem qualquer.

No dia 18 de junho ouvimos notícias ainda mais alarmantes. Um



"Até parece
— milagre!"

Todos os materiais têm mais ou menos poros. O microscópio mostra que até o mais fino cristal tem superfície porosa!



Com sua fórmula especial, Super-Cola Scotch penetra mais profundamente nesses poros fixando-se lá dentro, para nunca mais sair! Por isso as partes unidas com Super-Cola ficam "ancoradas" uma na outra. O objeto fica tão forte como antes de quebrar. Super-Cola não mancha e não fica quebradiça.

Super-Cola
MARCA
SCOTCH



amigo foi correndo à minha prateleira e gritando:

—Johnny, está no *Pravda*: revolução na Alemanha Oriental!

Agreguei-me ao numeroso grupo que lia um exemplar do *Pravda* colado na parede. Alguém lia em voz alta a notícia surpreendentemente cândida. Tôda vez que o artigo se referia à resistência dos berlinenses do leste, nós dávamos gritos de satisfação. Êsse espírito de rebeldia inspirou-nos, e durante vários dias não falamos noutra coisa.

Em princípios de julho soubemos da prisão de L. P. Beria, o dirigente da MVD, por motivo de "traição". A notícia que abalou os administradores locais da MVD foi o poderoso agente catalítico da nossa impaciência. Os escravos começaram a insultar abertamente a administração e os informantes da MVD.

Naquele mês transformamo-nos em escravos insolentes. O prolongado sol de verão derreteria a neve e o seu calor renovava a nossa energia e coragem. Discutíamos a possibilidade de lutar pela nossa liberdade, mas ninguém sabia o que fazer. Muitos homens, principalmente os russos, que tinham um receio mortal de delatores, eram incapazes de tomar uma decisão.

Por sorte outros decidiram por nós. Na manhã do dia 22 de julho, quando eu me apresentei ao lavatório, disse-me um dos chefes de departamento:

—Aconteceu finalmente. As Minas 17 e 18 estão em greve.

Às 5 HORAS da manhã daquele dia os trabalhadores da Mina 17 tinham saído para a chamada com instruções secretas, dadas por um líder escolhido, de que não comparecessem ao trabalho.

—Quando retirarem o arame farpado—disse um deles, em tom de desafio—voltaremos a extrair carvão. Mas antes disso não.

Os guardas tentaram ser enérgicos, mas, não tendo ordens expressas para atirar, nada podiam fazer.

A notícia da greve circulou rapidamente pela nossa mina. O dia inteiro os boatos continuaram chegando: a greve propagara-se à Mina 9, depois à 10 e, a seguir, à 25. Eu estava convencido de que era verdade, pois as informações me eram dadas pelos meus amigos comunistas do lavatório, mas outros não queriam acreditar.

No dia seguinte, até êses se convenceram. A Mina 7, no campo contíguo ao nosso, aderira à greve: não funcionavam as rodas do elevador da mina. Durante algum tempo passaram vagões cheios de carvão (os trilhos atravessavam a nossa área), porém depois os vagões chegavam quase vazios. Desenhados a giz na parte interna de cada um deles lia-se em russo: "O SEU CARVÃO QUE VÁ PARA O INFERNO! QUEREMOS A LIBERDADE!" Folhetos manuscritos, colados nos vagões, diziam: "Camaradas das Minas 12, 14 e 16, não nos desapontem. Vocês sabem que estamos em greve."

Constituímos imediatamente o

**PARA
MARCAR TUDO**
Rápida e facilmente



FITA ETIQUÊTA
MARCA
SCOTCH

Economize tempo e dinheiro, em casa e no comércio, com a última novidade SCOTCH — Escreva na Fita Etiquêta, com lápis, tinta, caneta esferográfica, e se quiser apague tudo, aproveitando a mesma fita para tornar a escrever.



EM 2 TIPOS DIFERENTES

Produto da
MINNESOTA MANUFACTUREIRA E MERCANTIL LTDA.
Fabricantes de Fita Celulose SCOTCH

nosso comitê de greve. O nosso cabeça era Gureyvich, o ex-diplomata soviético. O seu comitê se compunha principalmente de intelectuais russos, alguns ainda marxistas, mas todos violentamente anti-soviéticos.

Nessa noite um membro do comitê veio falar comigo em meu alojamento.

—Nós ainda não resolvemos quando começar—disse êle—mas, quando começarmos, você terá uma tarefa importante. Você ficará incumbido de convencer os chefes de divisões a não interferirem.

Tive o ensejo de pôr o plano em prática no dia seguinte. Em meados de julho tinham sido levados para o Campo 3 uns duzentos habitantes de Caragandas, na República Soviética dos Kazakhs, na Ásia Central. Tinham-lhes prometido uma vida de trabalhadores livres, com altos salários e habitação excelente. Mas quando chegaram foram tratados como prisioneiros comuns.

Na manhã de 24 de julho os caragandanos, cientes da greve noutros campos, recusaram-se a trabalhar enquanto não fôsem cumpridas as promessas do Govêrno. Os outros homens dirigiram-se para as galerias, como de costume, mas apenas para ali ficarem sentados. Não trabalhariam enquanto os caragandanos estivessem em greve.

O impasse persistiu até às 13 horas, quando Gureyvich declarou oficialmente em greve os 4.500 homens do Campo 3. Quando a notícia chegou ao lavatório, um dos jovens che-

fes de departamento mostrou-se satisfeito:

—Estou vendo que vocês criaram coragem para começar.

Eu o convenci de que seria melhor para todos nós se êle saísse e levasse um dos outros, um vermelho dogmático. Daí a poucos minutos, depois de calmamente persuadidos por mim, o engenheiro-chefe e os outros funcionários livres se retiraram para suas casas. Eu cumprira a minha missão.

Redigimos uma lista de exigências: 1. Retirada do arame farpado. 2. Os alojamentos não ficariam trancados à noite. 3. Libertação de todos os prisioneiros políticos que houvessem cumprido dez ou mais anos de prisão (eu estava prêso havia oito anos!). 4. Completa revisão do julgamento de todos os prisioneiros políticos e libertação dos inocentes. Para os demais, fixação de novas penas mais leves.

Estávamos afixando essa lista de exigências em todos os lugares visíveis do campo quando, para nossa imensa raiva, soubemos que 30 dos caragandanos tinham sido presos. Imediatamente Gureyvich, o comitê de grevistas e 2.000 de nós rumamos em massa para a prisão, gritando:

—Queremos a libertação dos caragandanos!

O comandante do campo, Major Tchevchenko, apareceu e tentou acalmar-nos.

—Não há razão para conflitos. Prometo que serão libertados antes das 6 horas da tarde.

Eram então 3 e 15, e nós resolvemos esperar para ver o que acontecia. Minutos depois chegaram vários carros da polícia, seguidos de quatro caminhões de soldados. Evidentemente estavam ali para levar os caragandanos para a prisão central. Uns 100 homens do Exército Vermelho e da MVD desceram correndo dos caminhões e cercaram os portões do campo.

Praguejando, avançamos para eles, na intenção de impedir que entrassem no campo. Nesse momento, os prisioneiros caragandanos, tendo-se desvencilhado dos guardas, saíram da cadeia em correria. Um segundo mais, e foi dada a ordem:

—Abrir fogo!

Eu fiquei grudado ao edifício da administração, entre fogos cruzados. Colei-me bem à parede e murmurei uma prece. De onde estava, eu podia ver que todos os elementos do Exército Vermelho e alguns da MVD tinham desobedecido aos seus oficiais e não estavam atirando. Um soldado do Exército Vermelho tinha a sua metralhadora de mão teimosamente apontada para o chão. Um tenente da MVD, furioso, agarrou a arma e começou a atirar.

O tiroteio durou apenas 20 segundos, mas parecia ter durado uma eternidade. Quando terminou, 15 dos nossos estavam por terra, feridos. Havia dois mortos.

Ficamos furiosos. Gureyvich fez sinal para os seus companheiros do comitê e caminharam todos para o portão de entrada. Tendo pela fren-

te 100 canos de armas, Gureyvich dirigiu-se a Tchevchenko e a todos os guardas:

—O comitê dos grevistas oficialmente os declara afastados do comando do Campo 3 e das Minas, 12, 14 e 16. A partir deste momento, nós, os prisioneiros, assumiremos a direção. Se algum oficial ou guarda entrar pelo portão sem licença, será morto. Se vocês nos quiserem deter, terão de matar agora todos os 4.500 prisioneiros. Enquanto isso, nem uma grama de carvão será extraída das galerias.

Prorrompemos em gritos de aplausos.

Deu certo. Ninguém atirou, ninguém levantou um dedo para nos deter. Com um pouco de coragem, a nossa greve transformara-se em sedição. Começara a Grande Rebelião dos Escravos de Vorkuta.

ORGANIZAMOS imediatamente uma verdadeira república de escravos independentes. Cada alojamento foi entregue à direção de um membro do comitê dos grevistas. Reuniram-se todos os víveres existentes no campo e estabeleceram-se rações maiores. Nomeamos a nossa polícia, mas ela era a bem dizer desnecessária. Foi mantida a mais perfeita disciplina. Os outrora ferozes *blatnoi* recolheram-se amuados aos seus alojamentos, parecendo meninos que houvessem apanhado surras, incapazes de entender a estranha fôrça que virara o seu mundo de pernas para o ar. O moral dos nossos, no delírio

da febre de liberdade, era fantásticamente elevado. Seríamos todos capazes de morrer de bom grado para o manter.

Não muito depois do tiroteio fizemos a nossa bandeira: tôda vermelha com uma borda de pano preto, em memória dos nossos dois camaradas assassinados. Içamo-la a meio pau, num mastro alto, acima do refeitório. Quinze minutos depois, na estação geradora de energia elétrica, no alto do morro, ergueu-se num mastro, como por um passe de mágica, outra bandeira vermelha e preta, reprodução exata da nossa. Mais alguns minutos, e o mesmo acontecia na Mina 7, depois na N.º 10, depois em outras. Até onde a vista alcançava, através da tundra, o novo pendão vermelho e preto de escravos libertos substituíra a bandeira soviética. Havia de 85.000 a 100.000 escravos em greve.

Os homens da MVD e do Kremlin estavam evidentemente amedrontados.

—Noutros tempos—disse-me um velho prisioneiro—Stalin ternos-ia esmagado, ainda que fôsse preciso tirar a vida a todos os escravos.

Êle tinha razão, mas não estávamos naqueles tempos. Agora o Kremlin, paralisado pela sua própria luta interna pelo poder, parecia receoso de ditar ordens expressas sôbre a maneira de debelar a rebelião dos escravos, a não ser com a recomendação de que fôsem cumpridas “com todo o cuidado”. O regime instável de Malenkov necessitava

muitíssimo de carvão e não podia consentir que o levante se alastrasse. Era mais prudente para êles aguardar os acontecimentos.

Naquela mesma tarde 300 soldados armados de morteiros e metralhadoras tomaram posição em tórno do nosso campo. Às 18h 30m um capitão da MVD pediu permissão para entrar. Atravessou os portões desarmado e leu uma declaração do General Derevyenko, o chefe da MVD em tôda Vorkuta.

“A partir de ontem”, dizia a proclamação, “todo prisioneiro receberá 300 rublos por mês em retribuição de seu trabalho. Serão retiradas as grades das janelas dos alojamentos, que não mais serão trancados à noite, e será suprimida a chamada noturna. Com permissão do oficial comandante, os prisioneiros poderão receber visitas de casa uma vez por ano.”

Pagamento triplicado! Retirada das grades! Gritávamos de contentamento. A rebelião tinha apenas algumas horas de duração, e já os dirigentes faziam importantes concessões.

Os três dias seguintes foram de pura bem-aventurança. A natureza comungara conosco, dando-nos céus sem nuvens e dias de sol. A temperatura atingiu 21 graus. Em todo o Campo 3 os homens se aqueciam ao sol, discutindo a assombrosa sucessão dos acontecimentos. O contentamento era geral.

Eu estava sentado com uns amigos, perto da cêrca do campo, quan-

do um soldado do Exército Vermelho que rondava à nossa frente perguntou:

—Que há com vocês? Ganharam alguma coisa?

Falamos-lhe sôbre as concessões de Derevyenko.

—Muito bem—disse êle.—Nós estamos com vocês. A mim pouco importa que vocês façam greve até o mundo se acabar. Nenhum homem do Exército Vermelho jamais atirará em vocês.

Na realidade estávamos ganhando tempo, à espera de um representante do Kremlin, o único que poderia concordar com redução das sentenças. Mas até então Moscou não dissera palavra.

No dia 27 de julho Derevyenko em pessoa veio falar-nos. Andou de grupo em grupo, falando paternalmente:

—Vocês não acham que seria melhor voltar ao trabalho? Vocês foram satisfeitos em quase tôdas as suas exigências. Que mais querem?

—Estamos à espera do Kremlin—respondeu-lhe um membro do comitê dos grevistas.

Então, pouco antes de se retirar do campo, Derevyenko anunciou que o General Maslennikov, Vice-Ministro do Interior de tôda a União Soviética, já tomara o avião em Moscou.

A notícia foi trombeteada como outra vitória da greve, porém muitos dentre nós estavam preocupados. Maslennikov tinha fama de cruel e astucioso.

A 29 de julho, ao meio-dia, um amigo irrompeu no meu alojamento gritando:

—Levante-se, Johnny! O general de Moscou vem aí na estrada!

Corri para o portão a tempo de ver um enorme automóvel prêto entrar no campo entre duas filas de guardas fortemente armados. Maslennikov desembarcou e a limusine fêz volta, ficando com a frente para o portão aberto. Fora havia pelo menos 500 soldados montando guarda.

Uma comitiva de 30 oficiais, na sua maioria coronéis, acompanhou Maslennikov até ao campo de futebol, onde havíamos pôsto cadeiras e uma comprida mesa. Tinham vindo conhecer as nossas exigências, e nós estávamos absolutamente preparados para fazê-las. Vinte oradores haviam sido escolhidos para exporem os nossos pontos de vista. Atrás dêles se aglomeravam os outros 4.500 escravos. Foi a cena histórica mais impressionante que já presenciei.

PRIMEIRO Gureyvich apresentou a nossa exigência de revisão e redução das sentenças e de libertação de todos os condenados que já haviam cumprido mais de dez anos de prisão. Depois, das fileiras de escravos, um homem de cada vez se destacou para falar—os trabalhadores escravos tinham a oportunidade de despejar a sua bile, censurando a indecência vermelha na presença de uma das maiores autoridades soviéticas. E Maslennikov tinha de escutar.

Os discursos foram comoventes, argutos e mordazes. Um ex-professor de história da Universidade de Leningrado antes de começar disse saber que lhe seriam acrescentados mais dez anos de escravidão. Maslennikov protestou enérgicamente:

—*Nyet, nyet*. Todos podem falar livremente.

O professor falou. Rememorou a história da escravidão desde os tempos pré-faraônicos, até o comércio de cativos da Costa do Ouro.

—Mas nunca na história da humanidade—disse—foi o trabalho escravo explorado com tanta intensidade e crueldade quanto aqui na União Soviética, a “libertadora” da classe trabalhadora!

Nós sublinhávamos-lhe as palavras com gritos exaltados:

—*Vot! . . . Vot! . . .* Isso mesmo!... Isse mesmo!

Um polonês falou pelos estrangeiros. Dois ex-burocratas soviéticos de alta categoria falaram sobre o abuso da doutrina marxista e a sua perversão na União Soviética. Foi divertido ouvir homens livres dizerem o que sentiam, ainda que por apenas alguns minutos.

Maslennikov ouviu de cabeça baixa durante mais de uma hora. Estava evidentemente constrangido. Em seus 30 anos de bolchevismo nunca ouvira semelhantes palavras em público. Quando terminaram os discursos, levantou-se e partiu para o campo seguinte, sem uma palavra.

No dia seguinte Maslennikov terminou a visita aos campos em greve

sem ter aberto uma brecha na coesão dos grevistas. Mas na manhã do dia 1.º de agosto, exatamente dez dias depois do início da greve, vi que algo de estranho se passava. Os homens da Mina 7 estavam sendo removidos do campo e levados para a tundra em pequenos grupos isolados. Depois de levados uns 30 grupos, eles começaram a voltar, um grupo de cada vez.

Uma hora depois ficamos sabendo o que acontecera. A MVD deixara o primeiro grupo voltar ao campo sem uma palavra.

—Estão vendo—disseram ao segundo grupo—o primeiro grupo concordou em voltar ao trabalho. Vocês vão seguir-lhe o exemplo, ou querem ser todos fuzilados agora mesmo?

Idêntica pergunta foi sendo feita sucessivamente aos demais grupos.

Assim se acabou a greve na Mina 7. Significativo foi o fato de os elementos da MVD que fizeram a ameaça serem estranhos a Vorkuta. Faziam parte de um regimento de 1.200 guardas especiais trazidos por Maslennikov.

Pouco depois Maslennikov e seus homens seguiam pela estrada para a Mina 29, situada no morro próximo ao campo. Às 11 horas ouvimos um cerrado tiroteio, e poucos minutos depois todos os médicos do campo foram chamados com urgência à Mina 29. Com um banho de sangue, Maslennikov afogara a pretensão dos rebeldes.

Mais tarde pude reconstituir a

**É SÓ ACENDER
A PASTILHA!**

'GAMMEXANE'

Nº 22

*Não precisa bombar!
Não deixa um inseto
vivo na casa! Continua
agindo por muitos dias!*

26.487

FULMINA

**pulgas - baratas
percevejos - traças
môscas - mosquitos**

À venda em
todo o Brasil

Tubo com 3 pastilhas,
Cr\$ 20,00
com 6 pastilhas,
Cr\$ 37,00

(Preços recomendados
para o consumidor)

Um produto



cena. Maslennikov se acercara dos portões do campo num carro equipado com alto-falante. Dois mil e quinhentos escravos o enfrentavam, de braços dados.

—Voltem para os seus alojamentos—ordenou Maslennikov.—Sigam o exemplo da Mina 7. Êles já estão trabalhando.

A turba respondeu com insultos, aos berros, e se aglomerou mais junto à cêrca.

O chefe da MVD resolveu tentar a persuasão:

—Todos os que quiserem voltar ao trabalho—disse—saíam pelo portão.

Apenas uns 50 homens saíram. Maslennikov olhou-os com asco.

Pela terceira vez êle aconselhou, pelo alto-falante:

—Acabem agora com essa rebelião. Voltem para os seus alojamentos. Entrem em forma para trabalhar. Êste é o meu último aviso.

Antes mesmo que Maslennikov terminasse o seu discurso, os escravos responderam em còro:

—Ao diabo com seu carvão! Se não nos derem a liberdade, nós mesmos a conquistaremos!

Continuavam os prisioneiros junto ao portão, quando as metralhadoras pesadas e os atiradores da infantaria, em massa, abriram fogo. Durante uns bons dois minutos o estralejar dos tiros se misturou aos gritos dos feridos. Não ficou um só homem em pé. Cento e dez foram mortos instantâneamente. Mais de 500 ficaram gravemente feridos, Maslennikov

ordenou que abrissem os portões e, aos berros, mandou que os vivos saíssem para a tundra. Os sobreviventes choravam, passando por cima dos corpos dos seus camaradas, a caminho do portão.

No dia seguinte, ao sabermos da chacina vermelha, nós também voltamos para o trabalho. Em seguida os outros campos, um de cada vez, a intervalos de uma hora, pouco mais ou menos, renderam-se à MVD. À noite estava extinta a revolta.

Na semana seguinte a MVD desforrou-se em severidade da sua indecisão durante a greve. Com intervalos de poucas horas, os homens iam sendo levados. Ao todo, 7.000 escravos de Vorkuta foram presos e 300 foram executados sem julgamento. Mil homens foram transferidos para o Extremo Oriente, e os restantes sofreram aumento da pena. Nunca mais vi Gureyvich nem os heróis do campo de futebol que naquele dia haviam falado com tanta eloqüência, exprimindo o que sentíamos.

A julgar pelos padrões ocidentais, creio que a rebelião foi um insucesso. Déramos o golpe pela liberdade e continuávamos escravos. Mas isso é simplificar excessivamente as coisas. O simples fato de a rebelião ter ocorrido na União Soviética fez dela um grande e instantâneo sucesso. O efeito que produziu no mundo comunista foi eletrizante. Em cartas aos trabalhadores livres de Vorkuta, os habitantes de Leningrado manifestavam a sua simpatia pela

O seu penteado ficará mais a seu gôsto

**Ondas Naturais, Firmes, Sua-
ves... em apenas 1 hora...**



... com o Permanente em Casa de Richard Hudnut! Prático e de resultados garantidos, o Permanente em Casa de Richard Hudnut dura mais e deixa os cabelos prontos para qualquer penteado. Faça uma experiência... e veja que maravilha!



CRIAÇÃO

DE

Richard Hudnut

NEW YORK

RIO

PARIS

nossa causa. Assim como os motins da zona oriental de Berlim forçaram os soviéticos a assumirem uma atitude mais conciliatória em relação aos seus satélites, também nós, os trabalhadores escravos, mostramos ao Kremlin, naqueles dez dias, que a sua unidade interna não passa de ficção. Mesmo que não tenha feito mais nada, a notícia dessa greve de trabalhadores escravos no “paraíso dos trabalhadores” percorreu toda a Rússia, de boca em boca, dando esperança a 20 milhões de escravos e talvez a não poucos dos trabalhadores livres.

Vorkuta nunca se aquietou. Um espírito triunfante, insuflado pelo aumento de salário que conquistáramos, foi a herança da greve. Em fevereiro de 1954 uma ala do prédio da administração, na Mina 7, voou pelos ares com a explosão de uma bomba feita pelos escravos. Depois o gerador da estação de energia elétrica foi parcialmente destruído. Uma busca dada pela MVD em nossa mina revelou 400 bananas de dinamite colocadas para fazer explodir o poço do elevador principal.

Em 1954, numa movimentação de escravos destinada a enfraquecer as nossas organizações de prisioneiros, fui transferido para a Mina 29, palco do morticínio do dia 1.º de agosto. Os homens do meu novo alojamento exibiam com orgulho os ferimentos recebidos naquele dia. Quase todos tinham uma ou mais cicatrizes e nas paredes ainda se viam os buracos abertos pelas balas.

DURANTE a greve, sem qualquer explicação lógica, eu imaginei uma alucinada sucessão de acontecimentos que terminaria na minha restituição à liberdade. Mas o sonho passou, e ainda me restava cumprir 11 anos de prisão. Eu alimentava apenas um fio de esperança: um pedaço de cartão de 7x12 centímetros. Não me permitiam mandar um cartão-postal à minha família, mas eu acabei conseguindo pôr um no correio, em nome de outro prisioneiro. Isso foi em maio de 1954.

Em começo de junho estava eu tomando a minha sopa de couve no *stolovaya*, quando um homem entrou correndo, muito excitado:

—O comandante do campo está à sua procura. Você tem ordens para seguir para Moscou.

Corri ao edifício da administração e fiquei em posição de sentido à frente de um tenente da MVD.

—Você partirá para Moscou às 7 horas da manhã—disse êle.

—Por que para Moscou?—perguntei.

Parecia que eu estava sendo apenas transferido para outro campo, mas sempre era possível que eu afinal lograsse obter um verdadeiro julgamento.

—Ao que me consta—respondeu-me o oficial—você vai voltar para a sua terra.

Ouvi o que êle disse, mas não conseguia entender-lhe as palavras. A idéia que elas exprimiam era por demais delirante. Por que me haveriam de pôr em liberdade? Não hou-

vera anistia geral. Eu perdera de tal modo o contato com o mundo, que Vorkuta e os seus regulamentos eram as únicas realidades que eu compreendia. Por via das dúvidas, rezei.

No outro dia, de manhã, carregando às costas os meus míseros pertences, fui conduzido à estação ferroviária. Subi a um carro da prisão e esperei o oficial da MVD que me escoltava. Êle riu.

—Não, não, êsse vagão não é mais para você. Embarque no trem!

Viajamos num trem de passageiros civis de Vorkuta a Moscou e de Moscou até um campo em Potma, uns 400 quilômetros a sudoeste. Potma era um campo de repatriamento. Ali eu não trabalhei em coisa alguma e, com o auxílio da Cruz Vermelha, o meu esqueleto de 43 quilos adquiriu mais uns 18.

E então, no dia 3 de janeiro de 1955 regresssei a Moscou, desta vez recebendo o tratamento que devia ser dispensado pelos soviéticos a pessoas importantes. Deram-me um terno de casimira e alojaram-me numa boa casa onde, pela primeira vez em nove anos, experimentei uma cama macia.

Na tarde daquele mesmo dia uma delegação especial do Kremlin foi visitar-me. Dei um pulo ao ver que a delegação era chefiada pelo general Maslennikov, o carnicheiro de Vorkuta!

—O senhor parte para Berlim amanhã, Sr. Noble, e lá será entregue às autoridades norte-americanas —disse Maslennikov.

Apertou-me a mão, e perguntou-me, casualmente:

—A propósito, onde é que o senhor estêve na União Soviética?

Quando eu respondi "Vorkuta", o sangue fugiu-lhe da face.

—Em que mina?—perguntou, esforçando-se para manter a compostura.

—Nas Minas 16 e 29—respondi. O jôgo me divertia.

Êle apertou os olhos nervosamente, depois perguntou-me:

—Está-me conhecendo?

—Não—menti por cautela.

—O senhor tomou parte na greve?

—Como não?—respondi, com orgulho.—Todos tomamos.

No dia seguinte embarquei em Moscou no famoso Expresso Azul para Berlim.

VIM A SABER depois o que acontecera. O cartão-postal que eu pusera no correio em Vorkuta tinha sido recebido por meus pais em Detroit. Meu pai avisou o Departamento de Estado e procurou sem demora o deputado Alvin M. Bentley, de Míchigan, o meu Estado, e que havia trabalhado no serviço diplomático norte-americano atrás da Cortina de Ferro.

Quando o Departamento de Estado informou Bentley que estava exigindo a minha libertação, meu pai implorou ao deputado que tentasse algo mais urgente. Em setembro de 1954 Bentley foi à Casa Branca e expôs o meu caso. A 17 de setembro êle soube que o assunto fôra

submetido ao Presidente Eisenhower. Em Moscou, Bohlen, o embaixador americano levou imediatamente o caso ao conhecimento do Kremlin. E aconteceu que aquêlê contato direto com a repartição de Molotov fêz o resto.

Desembarquei no aeroporto de Idlewild, em Nova York, na manhã de 17 de janeiro de 1955. Não esqueci, e jamais esquecerêi, um detalhe de tudo que aconteceu. Desde o meu regresso, têm-se perguntado se eu tenho alguma mensagem a transmitir sôbre a minha experiên-

cia na União Soviética. A mensagem é a seguinte:

A nossa histórica rebelião de Vorkuta foi ajudada por dois fatôres: o sol de verão, que derreteu a neve, e a luta pelo poder que abalou o Kremlin. O verão vem todos os anos, e eu creio que ainda veremos muitas lutas internas, de efeito paralisador, entre os líderes soviéticos que aspiram ao pôsto de Stalim. E estou certo de que, em outro verão, aquêles que eu deixei para trás, em Vorkuta, darão outro glorioso exemplo aos povos escravizados do mundo.

OS FREGUESES de um restaurante da cidade de Washington, capital dos Estados Unidos, tiveram a surprêsa de encontrar no menu dois pratos vegetarianos, aparentemente idênticos, porém um mais caro do que o outro.

—O mais caro não tem espinafre—explicou o garçom.

—T.R.B., em *The New Republic*

Anúncios Classificados

EM DAILY CHRONICLE de DeKalb, Illinois: "CRECHE—Direção competente para crianças de seis semanas a cinco anos de idade. Por hora ou por dia. Preços absurdos para crianças absurdas."

UM ANÚNCIO em *Post Dispatch* de St. Louis de um "Torneio de Sensações" prometia uma demonstração de touradas com ferozes touros de corridas do México e tinha a seguinte nota no pé: "Em virtude de uma determinação da Sociedade Protetora dos Animais, não haverá touros na demonstração. Apresentar-se-á apenas uma exibição do trabalho com capas. Como número extra, dois carros de chocarão de frente a 90 quilômetros por hora, com os motoristas ao volante."

ANÚNCIO de imóvel no programa do teatro *The Barn Playhouse* de New London, Estado de New Hampshire: "Vende-se escritório numa cidade grande. Cruzamento movimentado com o sinal do tráfego desarranjado. Ideal para médicos ou advogados."

DE *Daily Bulletin* da Base Aérea de Ramey: "ACHADO: Periquito. Tenho gato. URGENTE! Discar 83256."